

Três relatos

Marcílio França Castro

Os forasteiros

Os habitantes dessa cidade envelhecem com assombrosa rapidez. Qualquer criança de dez anos ou menos já tem a pele flácida, o rosto manchado, cheio de sulcos, e nos olhos aquele abismo triste de quem atravessou o tempo. Assentados na varanda de casa, pais e filhos parecem todos irmãos; recebem juntos a brisa da tarde, às vezes sorrindo. Já se comprovou que o fenômeno, de tempos em tempos investigado, não acontece por subnutrição ou excesso de sol. Também não tem fundamento genético. Pesquisadores e curiosos vêm à cidade, convivem com as pessoas, passam alguns meses, anos, depois vão embora. Aos poucos, perdem o interesse, chegam a esquecer o motivo que os levou até lá. Os moradores, acostumados com a situação, seguem a vida normalmente, sem se importar com as especulações. Entretanto, ainda não descobriram como agir diante da nova onda de forasteiros, esses senhores que, com seus chapéus e casacas de lã, desembarcam todos os dias na rodoviária da praça. São homens de fato idosos, alguns quase centenários, que chegam ávidos pela companhia das crianças.

O portal

Da ponta do balcão, onde tomo meu café e converso com o Paulo, vejo-o na mesa do canto, folheando algum livro. Não há como não olhar para aquele rosto torto, enrugado, debaixo da estante de filosofia. Os fregueses entram e saem, ele continua lá, entre duas pilhas de livros. O Paulo me disse (eu nunca perguntei nada) que ele é um arquiteto conhecido. Construiu um portal, um imenso portal na entrada de uma casa para doentes de Alzheimer. Transformou o galpão de uma antiga fábrica em um prédio acolhedor. Ele se concentra em um livro, a luz do basculante vai declinando no seu nicho. Aquela presença estável me conforta. Imagino-o atravessando o portal, acolhido do outro lado pelos idosos do abrigo. O Paulo comentou (eu nunca perguntei nada) que ele é um leitor voraz, que costuma comprar uma grande quantidade de livros. Às vezes ele levanta a cabeça, fica um tempo olhando o vazio. Fico na dúvida se sorri para mim, se apenas se diverte com o livro. Nunca ouvi sua voz, nunca o vi dar uma palavra. Ele faz um sinal para a atendente, ela põe uma garrafa na mesa dele. Então ele baixa a cabeça e retoma a leitura. Atrás do balcão, o Paulo teme o avanço da tecnologia e o fim dos livros. Eu continuo imaginando o portal, o arco de ferro ou tijolos (uma obra grandiosa) e do outro lado, depois de atravessá-lo, o que o arquiteto diria. Algumas vezes o Paulo já tentou nos apresentar, mas eu não quero estragar essa amizade.

Dois tomos

I

Apesar da raridade, era possível encontrar alguns exemplares na rede de livreiros virtuais. Na mensagem enviada à *Coup de dés*, o comprador fazia questão de frisar que só servia a edição de 1926, publicada em Londres em dois tomos, e não a cópia dela, uma edição fac-similar que tinha saído em 1986 por uma editora americana. *The book of Ser Marco Polo, the Venetian, concerning the kingdoms and marvels of the East*. Antes de dar baixa, Henri conferiu mais uma vez. John Murray, Londres, 1926. 462 páginas. Apenas o volume 1. Conforme dizia o anúncio, o livro estava íntegro e muito bem conservado, com o corte escurecido pelo tempo. Capa dura original, vermelha, um brasão dourado na frente. Lombada ligeiramente machucada na parte inferior, sem danos para a costura. Assinatura do antigo dono na folha de rosto. O livro pertencera a Nicholas P., um professor de Cambridge que depois de aposentado se mudou para Paris e levou a biblioteca junto. Antes de morrer, visitava a *Coup de dés* todos os dias. Henri tirou a poeira do livro, envolveu-o com papel de seda; pôs o volume no envelope, junto com o marcador da livraria. O rapaz que fazia o despacho nos correios já estava a postos. Henri voltou ao computador, deu baixa no registro. Passou um email para o comprador comunicando o envio do livro. Ao encostar-se no balcão e ver a livraria deserta, Marc, proprietário da *Coup de dés* há mais de quarenta anos, lamenta o desaparecimento dos antigos fregueses, mas agradece a invenção dos sistemas de busca.

II

Depois de atravessar o Atlântico, o volume chegou à alfândega brasileira. A transportadora providenciou o desembaraço e o livro seguiu para Belo Horizonte. O comprador, que vinha rastreando a viagem toda pela internet, não esperou a entrega a domicílio. Foi buscar o pacote direto no escritório da empresa, onde já era conhecido pelas encomendas anteriores. Apesar de não ter um bom conhecimento de inglês (nunca tinha posto os pés fora do país), estava satisfeito com a aquisição, que ia suprir uma

lacuna incômoda na sua biblioteca. Com a idade, estava se tornando um homem obsessivo. Em casa, antes que a mulher o surpreendesse, abriu o pacote, conferiu os dados. O livro foi devidamente encaixado ao lado do tomo II (1926, 662 páginas), um exemplar desfigurado e roto, adquirido a preço de banana em um sebo da galeria Dantés. Olhando os dois tomos na estante, tão díspares, quase incompatíveis, é difícil imaginar que se completam, que um continua a história do outro.